

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

MARIA JOSÉ DA CONCEIÇÃO

A MISSÃO DO CRISTÃO LEIGO NA IGREJA E NA SOCIEDADE.

À LUZ DO DOCUMENTO 105 DA CNBB

Trabalho de conclusão de curso em
Teologia na área de Teologia prática.
Orientado pela Profª Rosana Manzini

SÃO PAULO – SP

2019

MARIA JOSÉ DA CONCEIÇÃO

A MISSÃO DO CRISTÃO LEIGO NA IGREJA E NA SOCIEDADE.

À LUZ DO DOCUMENTO 105 DA CNBB

Trabalho de conclusão de curso em
Teologia na área de Teologia prática.
Orientado pela Profª Rosana Manzini

SÃO PAULO – SP

2019

EPÍGRAFE

“Você é cristão? Você é cristã?... ... Eu faço isso, vou à missa ao domingo, comungo, me confesso uma vez por ano, faço isso, faço aquilo. Cumpro as obrigações”. Estes são cristãos funcionários, que não são abertos às surpresas de Deus, que sabem muito de Deus, mas não encontram Deus. Aqueles que nunca se surpreendem diante de um testemunho. Pelo contrário: são incapazes de testemunhar.”

(Papa Francisco, Homilia casa Santa Marta)

AGRADECIMENTOS

À Deus, cuja inspiração divina, sustentou-me e conduziu toda a elaboração precisa para a realização desta obra.

A todos os professores desta Faculdade que muito me ensinaram e enriqueceram meu conhecimento.

À minha orientadora a Professora Rosana Manzini pela valiosa dedicação.

Aos meus familiares, pela força e a compreensão que me foi dispensada ao longo de toda a caminhada, sobretudo na conclusão deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:.....	6
CAPÍTULO I.....	7
1.1 OS LEIGOS NA MISSÃO PROFÉTICA.....	14
1.2 PARTICIPAÇÃO DOS LEIGOS NA MISSÃO RÉGIA DA IGREJA	17
1.3 OS LEIGOS NA MISSÃO CARITATIVA	19
CAPÍTULO II.....	22
O LAICATO, COMUNHÃO NA DIVERSIDADE.....	22
2.1 OS LEIGOS NA DIVERSIDADE DE ROSTOS.	23
2.2 NA DIVERSIDADE DE DONS E MINISTÉRIOS	26
CAPÍTULO III.....	35
AÇÃO TRANSFORMADORA DO APOSTOLADO LEIGO.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	43

INTRODUÇÃO:

CNBB DOCUMENTO 105

Sal da Terra e Luz do Mundo (Mateus, 5, 13-14)

O presente trabalho intitulado a “missão do cristão leigo na Igreja e na Sociedade”, dividido em três capítulos, pretende pesquisar de forma pastoral e teológica a identidade e a participação dos leigos na Igreja, bem como sua atuação missionária e eclesiológica na sociedade e no mundo.

Queremos explorar a pesquisa desta temática à luz do Documento 105 da CNBB, e citar outros documentos do Concílio e outros teólogos, relevantes na elaboração de uma “Teologia do Laicato” relativa às expectativas atuais.

Na perspectiva de entender melhor a temática do laicato, buscamos fazer uma interpretação da missão do cristão leigo na Igreja e na Sociedade, e nesta averiguação recorreremos à reflexões teológicas de alguns teólogos que trabalham o tema e buscam situar o trabalho do leigo no corpo eclesial, identificando a missão a que é chamado desempenhar, tanto na Igreja quanto na Sociedade, assim como o aspecto determinante desta investigação.

É a partir de bonitas experiências pastorais que leigos e leigas, no fiel cumprimento de batizados e batizadas, vivenciando a perspectiva do “Ver”, “Julgar” e “Agir”, tomam consciência de sua pertença à Igreja, também de seu papel dentro e fora dela. Embora providos dessa consciência, muitos ainda, alimentam uma mentalidade de inferioridade. Para uma considerável parte do laicato, é sempre da Igreja a última palavra, e somente a ela, compete tomar decisões nas atividades eclesiais.

Os documentos conciliares deixam bem claro, que aos leigos, não se aplica exclusivamente a condição de receber, aceitar e cumprir passivamente qualquer que seja a determinação. A eles é oferecido um espaço gigante no campo da missão.

A escolha e o encantamento pelo tema, nasceram de constantes descobertas e inquietações, abstraídas por experiências vividas em meio à comunidades carentes, onde o ministério do leigo encontra-se mais presente e absolve o que há de mais urgente, fazendo uma grande diferença na vida dos menos favorecidos.

CAPÍTULO I

A MISSÃO DO CRISTÃO LEIGO NA IGRAJA E NA SOCIEDADE ESPERANÇAS E ANGÚSTIAS

No presente capítulo, à luz do Documento 105 da CNBB, estuda-se a situação do cristão leigo, sua missão eclesial na Igreja e fora dela, na objetividade de perceber como o Magistério, a partir do novo modelo de Igreja Povo de Deus, após o Concílio Vaticano II, compreende o leigo, sua missão na Igreja e no mundo, sua relação com a hierarquia (Ministério ordenado), suas esperanças e angústias e o que o caracteriza frente à toda sua ação missionária.

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, n. 1).

Assim, cabe observar que a categoria “Povo de Deus” é fundamental para a promoção e valorização dos leigos no campo eclesial, pois estabelece uma fiel e estreita relação com toda a hierarquia.

Ao perceber a importância do seu discipulado, sobretudo no âmbito profético, os leigos tomam consciência do seu dever de cristãos e da obrigação de assumir Jesus Cristo e colaborar na sua obra para a redenção do mundo.

Para encontrar e servir a Deus na sociedade os leigos são iluminados pelo modo de Deus:

“Ele “Desce” e “entra” em nosso mundo e em nossa história para assumir em tudo a nossa existência. Desta forma, também os cristãos, para seguir e servir a Deus, devem “descer” e “entrar” em tudo o que é humano, que constrói um mundo mais humano e que os humaniza¹.”

¹ EG, nº 1 – CNBB, Doc. 105, nº 163

Em virtude da escassez do clero e da grande atribuição de serviço, o maior apelo da Igreja (por parte da hierarquia) é que os leigos contribuam de maneira voluntária e concreta na realização da ação salvífica de Cristo, confiada à Igreja.

Jesus definiu seus discípulos como sendo “Sal da terra e Luz do Mundo”² assim também, são os cristãos leigos e leigas chamados a viver sua missão no dinamismo da fé, no querigma do evangelho, no sair de si, para iluminar o mundo com esperança e contentamento.

Sabendo-se que o mundo, bem como a história da humanidade, apresentam o grande campo da ação do amor de Deus, é para este campo que os leigos, no exercício de sua vocação e missão profética, são interpelados a viver a santidade de vida, cumprindo sua tarefa evangelizadora, fazendo com que a Igreja expresse e realize o projeto de Deus para toda a humanidade, sendo “sal” e “fermento”, vivendo a vocação universal à santidade no mundo, propondo-se reconhecer seu valor e seu lugar, naquilo que lhes determinam ser e fazer.³

Chamados a criar uma nova cultura de vida, uma nova perspectiva religiosa, os cristãos leigos, na sua manifestação profética, buscam um mecanismo de defender e criar coisas novas, de olhar com bondade a obra da criação⁴, valorizando realidades temporais e espirituais, cumprindo sua vocação específica, animando e sustentando essa laicidade, seja no campo eclesiológico, familiar ou social.

Na perspectiva do “ver” o leigo percebe que a mensagem do Evangelho aponta para uma dimensão maior do que seja profetizar a justiça, a liberdade e a paz. É necessário reconhecer o direito e a dignidade de cada pessoa, fazendo despertar dentro dela os valores humanos, pois para que os homens sejam elevados à condição de filhos de Deus, é preciso o conhecimento de uma nova postura em relação ao mundo atual.

Os cristãos leigos, no cumprimento da sua missão na Igreja, exercem o seu papel na ordem espiritual e na ordem temporal. Embora estas ordens sejam distintas, estão unidas num único plano de Deus, que ele próprio consiste assumir em Cristo. Em

² Bíblia Sagrada, Ed. Pastoral. Paulus 2002 - Mt 5,13-14

³ CNBB Doc.105 n° 15 p. 22.

⁴ Bíblia Sagrada, Ed. Pastoral. Paulus 2002 Gn 1,31

ambas as ordens, e de maneira íntegra o leigo deve sempre guiar-se por uma só consciência cristã.

No que expressa os dois documentos conciliares, tanto a *Lumen Gentium* quanto o *Apostolicam Actuositatem* os leigos são chamados a participarem na totalidade da missão que a Igreja recebeu de Cristo⁶ e que a raiz de seu apostolado mergulha no profundo mistério do Verbo encarnado⁷. Segundo o mesmo documento a vocação laical consiste em iluminar todas as coisas temporais vivendo no meio do mundo e nos mecanismos seculares como fermento no meio da massa⁸.

No contexto do Vaticano II, os cristãos leigos, mediante o sacramento do batismo e da confirmação gozam do *múnus* profético para o anúncio do Evangelho, seja na catequese de iniciação cristã, seja no ministério da Palavra, seja nos movimentos Sociais, seja no cotidiano da vida familiar, seja no testemunho da própria vida. Porém, sustenta-se ainda um certo protocolo quanto à aceitação da pregação feita pelos leigos.

Vale esclarecer, que o Código de Direito Canônico permitiu aos cristãos leigos, na falta do ministro ordenado, exercer o ministério da Palavra⁹. O que, nos dias de hoje, em decorrência da falta de ministros ordenados, tornou-se muito comum e de alguma forma, em determinadas situações e lugares, já esteja havendo uma boa aceitação e uma quebra de protocolo principalmente nas Comunidades mais afastadas das periferias.

Toda a renovação eclesiológica conciliar compreendeu o cristão leigo como sendo um membro efetivo da Igreja e não apenas como um fiel de atributos menor ou inferior perante qualquer tarefa ou ministério. Cuidadosamente o Concílio se reportou de maneira muito nobre e gratificante à “natureza”, “espiritualidade”, e “missão” dos fies leigos¹⁰ Também as conclusões de Medellín (1968) consideram que “os leigos cumprirão sua missão de fazer com que a Igreja “aconteça” no mundo, na tarefa humana e na história”. Assim, é necessário que todo povo de Deus perceba e acolha o “ser” e o

⁵ AA 5. P.377.

⁶ LG 31, 33, 35; AA 2,10

⁷ LG 31

⁸ AA 2.

⁹ CDC 230, 3

¹⁰ DOC 105 -17

“fazer” do leigo na Igreja, já que por seu batismo e sua confirmação é discípulo e missionário de Cristo Jesus¹¹

Na perspectiva de Igreja, em relação ao leigo, enxerga-se uma nova visão do laicato, bem esclarecida na compreensão dos textos da Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. Os fiéis leigos são:

“os cristãos que estão incorporados a Cristo pelo batismo, que formam o povo de Deus e participam das funções de Cristo: sacerdote, profeta e rei. Realizam, segundo sua condição, a missão de todo povo cristão na Igreja e no mundo”. São homens da Igreja no coração do mundo, e homens do mundo no coração da Igreja”¹².

O Concílio Vaticano II entende que leigos e leigas se santificam por meio das tarefas humanas, já que são enviados para atuar em diversas realidades temporais. Sabendo-se assim, os cristãos leigos são chamados a auxiliarem o clero, nas ações representativas da Igreja onde este (o clero) não consegue chegar.

O grande desafio para os leigos discípulos de Jesus Cristo, é tornar possível a comunhão entre todos os batizados. É fazer do dinamismo de sua profecia um jeito novo de ser Igreja, é anunciar o futuro para além da história, é sonhar ultrapassar os limites da boa notícia. “Mas os leigos são chamados de modo especial a tornar presente e operante a Igreja naqueles lugares e circunstâncias onde ela, só por meio deles pode vir a ser Sal da terra”¹³.

Embora a Igreja, com base nas diretrizes do Concílio Vaticano II, venha abrindo as portas aos leigos, estes continuam exercendo suas atividades por delegação do clero do qual são vistos como seus auxiliares e não em decorrência de sua pertença a Cristo.

Na tentativa de mudar essa configuração, o leigo começa a conquistar seu direito de definir seu lugar na Igreja e suas atribuições ministeriais. Numa perspectiva de ousadia e criatividade o leigo lança-se aos vários desafios da fé cristã, entre os quais, o

¹¹ Aparecida 2007.

¹² DAp 209.

¹³ Cf. LG 33.

desafio de assumir e desempenhar o múnus profético na ação evangelizadora da Igreja, onde ele deve ser sujeito operante na propagação do Evangelho de Jesus Cristo¹⁴.

O Leigo precisa identificar a sua relação com o mundo; O campo mais propício de sua atuação é a comunidade de fé e o maior desafio para os cristãos atualmente, é fazer dela uma casa, onde todos são irmãos, onde a partilha seja a lei que impera, e a vivência seja uma escola de comunhão. Onde o leigo e a leiga possam “abrir-se ao impulso do Espírito Santos, para o testemunho de uma “Igreja em saída”, como professa o Santo Padre, o Papa Francisco. São os leigos, a Igreja presente na realidade temporal, bem lá onde acontecem as diversas fatalidades da vida¹⁵.

Visto isto, a ação do leigo não se compõe apenas pelo véis do testemunho pessoal de vida cristã, tende a avançar sobretudo, no campo da evangelização, pois frente às necessidades e desafios que a Igreja enfrenta, necessário se faz que os leigos despertem para uma colaboração maior no dinamismo de suas atribuições, já que são chamados a colaborar na realização da obra salvífica de Cristo.

Através do Espírito Santo é confiado à Igreja, a continuidade da profecia, “onde a dimensão profética é a dimensão essencial da missão evangelizadora da Igreja.” Neste sentido, os leigos e leigas uma vez inseridos na missão profética da Igreja, são elementos primordiais para a construção do Reino e da história.

Pelo testemunho de fé os cristãos leigos têm a responsabilidade e o compromisso de anunciar o evangelho em todos os setores da vida, seja em casa, na Igreja, na sociedade e em todos os lugares. É este o ambiente específico de ação para onde Cristo os envia. Segundo a *Lumen Gentium*, por meio do trabalho dos leigos dar-se o mistério da salvação anunciado por Deus através dos profetas e realizado por Jesus com sua vida, paixão, morte e ressurreição¹⁶.

Pelos profetas toda a revelação divina foi comunicada na história da salvação. Pelo anúncio da Palavra a Igreja cruza as fronteiras da Evangelização. Através da comunidade Cristã o leigo toma consciência de sua vocação de viver a santidade, atuando nas realidades temporais, como a realidade familiar, do trabalho, do

¹⁴ LG 33

¹⁵ LG 33

¹⁶ LG 35

matrimônio, da política e da participação nos movimentos eclesiais, a começar pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que constituem experiências ricas e significativas naquilo que favorecem as bases fundantes da religiosidade popular, que nasce reconquistando um novo espaço, um novo jeito de ser Igreja. “uma Igreja” mais comprometida com a vida e com a causa dos pobres, respondendo às necessidades da comunidade eclesial a partir de realidades locais e pertinentes, suscitando um novo rosto de Igreja, caracterizada pelos traços da comunhão partilhada e pelo compromisso da participação de leigos e leigas inseridos na dinâmica do seguimento de Jesus (Doc. 105 17, p.23)

Os leigos cumprirão mais cabalmente sua missão de fazer com que a Igreja “aconteça” no mundo, na tarefa humana e na história¹⁷.

Segundo Maria Clara Bingemer¹⁸, com base nos documentos conciliares, há uma enorme necessidade de uma teologia do laicato. O Concílio falou de uma emergência e de uma tomada de posição sobre a importância do cristão leigo para a Igreja hoje. Os movimentos leigos apostólicos, diz ela, deram aos Padres conciliares um material importante e inspirador para o avanço e a superação em direção a uma eclesiologia mais comum e integrada, capaz de superar a definição do leigo pelo negativo tal como: o que não é sacerdote, o que não é monge, o que não é religioso, trocando por uma definição mais positiva: membro do povo de Deus enquanto batizado e valorizando-o enquanto membro ativo, responsável pela construção do tecido eclesial¹⁹.

O Concílio Vaticano II ao identificar a Igreja como Povo de Deus, construiu no seu interior um espaço onde o leigo possa ser visto como aquele que ativamente participa da missão da Igreja, criando assim um vínculo interativo entre leigos e clero, já que a missão e tarefa de testemunhar o Evangelho no mundo compete a todos os batizados²⁰.

O capítulo IV da *Lumen Gentium* 31, aborda que aos leigos e leigas, compete por vocação própria, buscar o Reino de Deus, ocupando-se das coisas temporais e ordenando-as segundo Deus. Dessa forma, os leigos são chamados à vocação pelo dom

¹⁷ DOC 105, 19 p 25.

¹⁸ Ser Cristão Hoje pg 57,

¹⁹ LG, 30

²⁰ Doc 105, 17 p.24.

da graça devendo, cada um com seu carisma, contribuir, para o crescimento ministerial da Igreja e para a santificação do mundo.

O chamado vem de Deus, a necessidade parte da Igreja, mas a coragem, a força, o empenho e a gratuidade, é missão de cada batizado e batizada, homens e mulheres, que, embriagados com o vinho novo da alegria da motivação e da confiança fazem de seu apostolado um caminho de liberdade, de transformação e esperança.

De fato, a responsabilidade pela evangelização é de toda pessoa batizada. Na Igreja há uma única missão. A missão libertadora, assumida e animada pela diversidade de carismas, serviços e funções, obra do único e mesmo Espírito²¹.

Engajados nas CEBs, nas diferentes áreas pastorais paroquiais, nas pastorais de conjunto, nos diversos movimentos políticos, sociais e religiosos, nos organismos de ação comunitária e tantos outros, leigos e leigas assumem seu papel de protagonistas da Boa Nova de Jesus²².

No âmbito da evangelização a Igreja professa-se comprometida com a transformação das estruturas geradoras de injustiças, com a preservação da vida e sobretudo, com o ser humano mais sofrido e desprovido de quase tudo. Onde existe uma carência, um apelo, um chamado, lá estão os leigos, espalhados nos quatro cantos do mundo. Propagadores da fé, defensores do Evangelho no Ministério da Palavra, da música, da catequese, do batismo, da escuta, do matrimônio, do enfermo, da Eucaristia, enfim, os leigos estão onde o Senhor os envia.

Os leigos são agentes ativos, feitos fermentos de santificação no seio do mundo, assumindo as exigências da missão, para com a própria vida, brilhar pelo testemunho da fé, da esperança e da caridade²³.

Ao olharmos para a maioria das comunidades, percebemos que nelas existe uma porcentagem muito alta de leigos engajados nos trabalhos pastorais, seja nas tarefas catequéticas, litúrgicas, formativas, celebrativas, e nas pastorais sociais. Isso tudo é parte de uma vida missionária que muitos leigos não escolheram nem estão lá por acaso. Foram chamados por Deus, escolhidos pela comunidade e formados pela Igreja. Se a

²¹ Bíblia de Jerusalém. Paulus 2002 - 1 Cor 12,11

²² Doc. 105 n. 27

²³ Doc 105, 5 p.17

gente compreende que Igreja, é todo aquele ou aquela que em meio à humanidade, agrega em si o mistério da salvação e coloca-se à serviço da vida, vai entender muito bem o que diz o Doc.62, §90 CNBB.

“Não é preciso “sair” da Igreja para “ir” ao mundo, como não é preciso “sair” do mundo para “entrar” e “viver” na Igreja”.

O Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* aponta para o horizonte de uma Igreja em saída, onde todo o povo é chamado a sair ao encontro do outro, configurando-se com o “ir” e o “vir” de Jesus. A Igreja está inserida nesta realidade como sinal de santificação do mundo²⁴. Cada pessoa, cada Família, cada comunidade apresentam de modo distinto, um anseio, um apelo, um ideal, uma verdade e uma esperança. É nesse emaranhado de condutas, costumes, culturas e valores, que os cristãos leigos avançam nas águas profundas da evangelização como sujeitos eclesiais, que realizam em sua condição e missão próprias, o tríplice *múnus* de Jesus Cristo, profeta, rei e pastor²⁵.

1.1 OS LEIGOS NA MISSÃO PROFÉTICA

A participação ativa dos leigos na função de ensinar e santificar, acontece voluntariamente, tanto na Igreja, quanto na sociedade e dar-se primeiro pelo testemunho de vida e de fé, vivido e celebrado no meio do povo, onde uma gota de atenção entregue com amor aos corações humanos, transforma-se num oceano de graças e caridade. É inerente a todo batizado o cuidado e o zelo pelas coisas do Reino, sobretudo, o “Sagrado”. A vida é dom de Deus, “dom sagrado”, logo, anunciar o Evangelho de Jesus Cristo é cuidar da vida.

Os leigos têm o compromisso cristão e profético de levar a Boa Notícia a todos os setores da vida humana. Isto quer dizer que Cristo continua exercer seu *múnus*

²⁴ LG 31

²⁵ Cf. LG, n. 35-36

profético, não somente através da hierarquia, mas também através dos cristãos chamados a partir dos sacramentos do batismo e da confirmação.

Defender a missão do filho de Deus, é ser e agir como o próprio Cristo: anunciar a liberdade, a verdade, a compaixão, é curar as feridas mais profundas da humanidade, consagrando a Deus o mundo em que vivem. A missão fundamental do profeta é falar em nome de Deus. Ser profeta na sociedade e na Igreja é a vocação do cristão, tanto do clero quanto dos leigos²⁶.

Jesus Cristo é o grande profeta que, pela força de sua palavra e pela fidelidade de sua fé, anunciou a Boa Nova e proclamou o Reino do Pai, cumprindo seu múnus profético até a manifestação de sua glória. Também os leigos no compromisso de ser “Sal da terra” e “Luz do mundo” (Mt 5, 13-14), assumem com total entrega a missão permanente do seu apostolado profético. Ser profeta é viver a realidade em cada diferença; é testemunha com a própria vida as diferentes situações. Ser portadora da Palavra de Deus é responsabilidade da Igreja. Palavra que deve ser defendida e vivida pela Igreja, sobretudo pelo testemunho próprio de quem a proclama. A Igreja é portavoz de Deus sobre a face da terra. É dela o ofício de anunciar a verdade divina. Os cristãos leigos têm a força do Espírito Santo, falando neles e por eles. Pedro declara: “Vós, porém sois raça eleita, sacerdote real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as excelências daqueles que vos chamou das trevas para a Luz” (1 Pe 2:9).

O Espírito Santo gera a Igreja em toda sua verdade e a faz portadora legítima e universal dos ministérios: profético sacerdotal e real.

Nessa nova característica de Igreja, impulsionada pelos movimentos litúrgicos e sociais e pela ação católica, o laicato mergulhou permitindo-se assim descobrir seus valores, suas ansiedades e desígnios cristãos. Tomou ciência da importância e exigência de sua missão dentro da Igreja e fora dela.

Toda a Igreja na América Latina e no Caribe hoje, quer colocar-se em estado de missão. A evangelização do Continente dizia-nos o Papa João Paulo II, não pode realizar-se hoje sem a colaboração dos fiéis leigos. Isso exige da parte dos pastores,

²⁶ DAp cap.V n.209

maior abertura de mentalidade para que entendam e acolham o “ser” e o “fazer” do leigo na Igreja, que por seu batismo e sua confirmação é discípulo e missionário do Cristo²⁷.

A vivência do tríplice múnus, vocação, carisma e missão de cada batizado, conforme as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, se dá no âmbito da pessoa, da comunidade e no âmbito da sociedade (Cf Doc. 94 p.74).

Expressivamente a Igreja é formada na sua maior parte de pessoas leigas, que vivem o tempo todo a serviço da própria Igreja, porém, poucos são os ministros ordenados que estão a serviço dos leigos.

“Nas comunidades eclesiais a ação dos leigos é tão necessário, que sem ela o apostolado dos pastores não pode, na maior parte das vezes, obter seu pleno efeito”²⁸.

Nos sacramentos da nova lei, alimento fundante da vida do apostolado dos fiéis, perpetua-se o novo céu e a nova terra (Ap 21,1), da mesma forma os cristãos leigos se tornam propagadores da fé e da esperança nos reveses da vida do mundo. O novo céu e a nova terra se caracterizam pela vivência da partilha, da comunhão e do amor. Este amor-comunhão fecunda-se a partir de um estado de vida santificado por um sacramento especial, isto é, a vida matrimonial e familiar. É no seio da família que o leigo, a leiga começam a exercer seu ministério profético. É na vida conjugal que os cônjuges descobrem a vocação cristã, a partir da vocação de saber ser um para o outro, e ao mesmo tempo para os filhos, testemunhos verdadeiros do amor de Cristo. A família cristã tem a missão e o compromisso de proclamar as virtudes do Reino de Deus e ser sinal dele no mundo²⁹.

Os cristãos leigos que abraçam a vocação de pais e mães de família, são cooperadores da graça e testemunhas da fé. Devem ser os primeiros pregadores e anunciadores da boa notícia do Evangelho. São os profetas da Igreja doméstica, devem conservar o vínculo matrimonial na família, na sociedade e sobretudo na Igreja. Devem formar os filhos para uma vida apostólica, já que a própria família recebeu de Deus a

²⁷ DAp. cap. V n. 213

²⁸ CIC 900

²⁹ LG 35 p.153

missão de ser células primeira e vital da sociedade. Muitas são as atribuições daqueles que têm como causa primeira da missão profética a integridade do matrimônio. Porém, a tarefa principal de cada membro da família é a prática da oração tornando presente o santuário doméstico da Igreja³⁰

“O nosso Deus, no seu mistério mais íntimo, não é solidão, mas uma família, dado que tem em Si mesmo paternidade, filiação e a essência da família, que é o amor. Esse amor, na família divina, é o Espírito Santo”. Concluindo, a família não é alheia à própria essência divina. Esse aspecto trinitário do casal encontra uma nova representação dentro da teologia paulina, quando o Apóstolo relaciona o casal com o “mistério” da união entre Cristo e a Igreja³¹ (Cf. *Amoris Laetitia* n. 11).

1.2 PARTICIPAÇÃO DOS LEIGOS NA MISSÃO RÉGIA DA IGREJA

Jesus Cristo é Rei, principalmente porque se fez obediente até passar pela morte e morte de cruz³². Com a entrega de si mesmo ele tornou presente o Reino do Pai: o Reino do amor, da verdade, da justiça, da caridade e da paz. Esse mesmo e imenso Reino Jesus quer estendê-lo ao mundo por intermédio do serviço dos leigos, Por isso chama-os a tomar parte no exercício de sua função real³³.

Esta realza de Cristo é comunicada não somente aos membros da hierarquia ministerial, mas igualmente a todo o sacerdócio comum, ou seja, aos leigos. Todos os fiéis cristãos adquirem forças: para vencer as dificuldades pessoais, aderir renúncias, reter em si mesmos o pecado e viver segundo os valores do Reino³⁴. Movidos por esta força os leigos encontram razões para servirem a Jesus na pessoa do outro. Com humildade, paciência e sabedoria procuram conduzir seus irmãos a Cristo, Assim colaboram com a expansão do seu Reino. “Grande é pois as promessas e grande é o

³⁰ AA n. 11

³¹ Ef 5,21-33

³² LG 36

³³ (Conselho Nacional dos Leigos. Sínodo: intervenções e reflexões. São Paulo: Loyola, 1989, p. 55

³⁴ (Rm 6,12).

mandato que se dá aos discípulos – “Todas as coisas são vossas, mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus”(Cf. 1 Cor 3, 22-23 - LG 36).

Outra forma de vivenciar a função régia de Cristo é no aperfeiçoamento da obra criada. É conhecer e respeitar a criação, seu valor, sua importância e seu destino eterno. A tarefa de evangelizar mediante o testemunho do serviço fraterno, leva os cristãos leigos a colocarem Cristo como centro da vida e da história.

A contemplação desta tarefa cristã no mundo é inerente primeiramente os leigos, pela facilidade de seu domínio nas atividades profanas.

A responsabilidade Régia dos leigos não se limita às atividades privadas e individuais, estende-se também a tarefas coletivas. Requer preocupação com todos os organismos envolvidos com o comportamento humano, seja a mídia, o Estado a Escola etc. Leigos e leigas enviados por Cristo devem ir onde o grito pela vida se faz ecoar.

A participação dos leigos na função régia, também possibilita sua integração no governo da Igreja, como por exemplo sua participação nas coordenações de Conselhos Pastorais Paroquiais (Agentes de pastoral), pastorais de conjunto, coordenadores de catequese – IVC – Iniciação à Vida Cristã, bem como nas pastorais sociais - Ações Comunitárias e tantos outros.

Finalmente, os leigos realizam sua missão profética e régia, pelo ensino da Palavra e pela oferta do serviço.

O Decreto *Apostolicam Actuositatem*, aborda que é necessária uma colaboração de todos os cristãos, para que a mensagem do evangelho alcance todas as pessoas em toda parte. Mas é o Espírito Santo que confere dons e carismas a cada um, conforme ele quer³⁵.

É conveniente que os leigos e leigas, pela graça dos dons recebidos, sejam aperfeiçoados pelos ensinamentos aprendidos da Igreja e pela prática das tarefas exercidas, a fim de contribuir para o bem-estar de todos os homens. São homens e mulheres multiplicadores da luz de Cristo, iluminando toda a sociedade humana e preparando o campo do mundo para a semente da palavra divina, assim, ao mesmo

³⁵1 Cor 12, 7.11

tempo, se abrirão de par em par as portas da Igreja, por onde há de entrar no mundo o anúncio da paz³⁶

1.3 OS LEIGOS NA MISSÃO CARITATIVA

A sociedade atual é marcada por profundas injustiças. A desigualdade social se prolifera em constante mutação. Muitas são os conflitos, muitas são as urgências e as necessidades de mudanças. Nessa realidade dolorosa, os Concílios voltam-se para o desejo de uma Igreja pobre e comprometida com os pobres.

Buscando uma roupagem nova, querendo mudar o seu jeito de ser, e com isso muda também sua presença no mundo. Diante desta realidade o cristão leigo é chamado por Deus para inserir-se no mundo dos pobres e nas diversas carências da sociedade.

Como representantes da Igreja os leigos são interpelados a apresentarem ao mundo o rosto de uma Igreja comprometida com a promoção da justiça, da solidariedade e do bem comum. “Deus é caridade e aquele que permanece na caridade permanece em Deus”³⁷.

Mas, para a caridade crescer e frutificar na alma como boa semente, o cristão deve ouvir atentamente a Palavra de Deus e cumprir por meio das suas próprias obras a sua vontade; aproximar-se constantemente dos sacramentos, sobretudo, da eucaristia, participar do culto divino, e dedicar-se constantemente ao exercício da oração.

O cristão no exercício de sua vocação deve primeiro esvaziar-se de si mesmo, abastecer-se da caridade divina, ou seja, do perdão, da misericórdia e do amor e só depois com o auxílio da graça operante, poder prestar aos irmãos o serviço a eles dedicado. Aí está a caridade para com Deus e para com o próximo. O sinal do verdadeiro cristão³⁸.

Em sua Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, sua santidade o Papa emérito Bento XVI publicou:

³⁶ Cf LG 36

³⁷ Cf. 1Jo 4,16

³⁸ Cf. LG 42, p.164

“O amor do próximo radicado no amor de Deus, é um dever antes de mais nada. A caridade da Igreja não é mais que a manifestação do próprio amor que une o Pai, o Filho e o Espírito Santo³⁹.”

A Igreja deve testemunhar e atualizar em cada tempo o amor gratuito do Senhor, pelos famintos de pão, de justiça, de dignidade e até de esperança. Cada realidade da Igreja apresenta uma variedade de fatores que exerce a sua influência sobre o mundo.

Enquanto continuadora da ação de Cristo na humanidade, a Igreja deve acolher os preferidos do Senhor, cuidar das feridas, das dores e de todo sofrimento humano.

O exercício da caridade praticado sobretudo, pelos leigos e leigas é feito nos hospitais, asilos, centros de recuperação, centros de referências, unidades de atendimento ao idoso e à criança, ações comunitárias, e Conferências como a dos Vicentinos – Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP), que é uma organização civil, composta de leigos, homens e mulheres dedicados ao trabalho da caridade. No Brasil existem cerca de 20 mil Conferências que reúnem cerca de 153 mil voluntários. Mas é necessário ampliar o horizonte do serviço, visto que, a ação caritativa da Igreja não pode ser realizada apenas pelas instituições, é um dever de cada cristão.

Não obstante viver a fé somente com orações, “a fé sem obras é morta”⁴⁰, é preciso arregaçar as mangas e abraçar sem medo os impactos da missão. Onde há um pobre necessitado, um irmão marginalizado, um doente, um choro, um gemido, um chamado, ali deve estar presente o leigo, a Igreja, a caridade. “onde há amor e caridade, Deus ali está”.

Entre as obras da caridade, está a prática da escuta, de ouvir a outra pessoa, de oferecer a ela um pouco de atenção. Escutar com o coração de Deus⁴¹.

É dever do cristão batizado debruçar-se diante do sacrário para adorar a Jesus Eucarístico, porém, é também um compromisso e uma resposta de amor adorar o Cristo

³⁹ Deus Caritas Est”, nº 19

⁴⁰ Tg 2, 17

⁴¹ Cf. Ex 3,7

no irmão. O Espírito de caridade leva o cristão a Jesus onde ele mais precisa ser adorado, amado e cuidado.

A prática do ministério caritativo, como do profético abarca todos os ambientes e deve conscientizar o povo de Deus e todos os homens de boa vontade, da necessidade de partilhar o que se “tem” e o que se “é” (Caritas Diocesana de Coimbra).

A caridade tem como frutos a alegria, a paz e a misericórdia; exige a beneficência e a correção fraterna; é benevolência; suscita a reciprocidade; é desinteressada e liberal; é amizade e comunhão⁴². Segundo o Documento de Aparecida:

“Jesus Cristo é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem”. Por isso, “a opção preferencial pelos pobres configura a fé Cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”⁴³

⁴² CIC 1829

⁴³ DAp n. 392

CAPÍTULO II

O LAICATO, COMUNHÃO NA DIVERSIDADE

Na diversidade de rostos, carismas, funções e ministérios, a comunidade organiza-se no compromisso de cada membro, seja de natureza profética, régia ou caritativa buscando, portanto, os meios de se tornar mais operante os diversos dons recebidos do Espírito. Essa grande diversidade é que potencializa a missão da Igreja, realizada por todos os seus membros. Mesmo que esses fatores, essas vertentes de organizações eclesiais venham mudar no decorrer da história, permanecerá, no entanto, o elemento mais fundamental: a espiritualidade, a mística, a primazia do amor⁴⁴.

O sujeito cristão, no exercício de sua vocação realiza-se enquanto leigo e pessoa dentro da comunidade cristã a partir do cumprimento de sua escolha. A pessoa é uma unidade de consciência e de relação, cujo modelo é Jesus Cristo. Nesta relação Cristocêntrica, os leigos devem assumir sua missão, estabelecendo sinais de uma nova aliança e de um novo tempo.

O Concílio Ecumênico Vaticano II, apresenta uma nova configuração de Igreja, tanto no contexto interno quanto externo, trouxe novos rumos, abriu-se ao derramamento do Espírito Santo para iluminar todas as diretrizes inerentes ao *Kerigma* da Boa Nova. Essa nova configuração apresenta a estatura de uma Igreja aberta aos apelos de um mundo contemporâneo, marcado por tantas divisões e jogos de interesses, políticos, econômicos, sociais e ideológicos. É nesse contexto que os leigos avançam na sua caminhada histórica, com maior confiança nas suas expectativas, com mais consciência de sua identidade e de seu papel na sociedade. Os cristãos leigos são incorporados a Cristo pelo Batismo, feitos partícipes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, estão na linha mais avançada da vida da Igreja, que por meio deles é o princípio vital da sociedade⁴⁵.

⁴⁴ Doc 105 n° 93, p. 67

⁴⁵ Doc 105, 109

2.1 OS LEIGOS NA DIVERSIDADE DE ROSTOS.

No capítulo IV da *Lumen Gentium*, dedicado ao povo de Deus, o Concílio coloca em primeiro lugar a categoria Povo de Deus, constituído pelo batismo, estabelecendo a dessa forma a base laical e resgatando portanto, o sacerdócio comum dos fiéis, já que o leigo é povo sacerdotal chamado e consagrado numa perspectiva de Igreja-comunhão⁴⁶.

Todos os homens e mulheres batizados e batizadas devem se conceber de que foram configurados com o Cristo Sacerdote, Profeta e Pastor, através do sacerdócio comum do Povo de Deus. É, portanto, uno o povo eleito de Deus: “Um só Senhor, uma só fé, um só batismo”⁴⁷. Se, na Igreja nem todos caminham pela mesma via, ainda assim, todos são chamados à santidade e têm igualmente a mesma fé pela justiça de Deus⁴⁸.

Como pessoas de fé, em defesa do dom recebido, os leigos são chamados a apresentarem ao mundo o rosto de uma Igreja solidária, sem concessões, aberta ao diálogo, comprometida com a promoção da justiça e da paz. Uma Igreja disposta a reconhecer com alegria cada rosto, cada desafio e cada esperança, cada realidade vivida, partilhada e celebrada⁴⁹.

Como Igreja no mundo, os leigos são incumbidos da árdua tarefa de lutar por mudanças de estruturas, pela facilitação da participação ativa de todos os cristãos frente aos organismos eclesiais e temporais, que levam às causas mais urgentes do mundo secular, fazendo chegar ao conhecimento da Igreja as dores e o grito de apelo dos mais necessitados⁵⁰.

Leigos e leigas, no dinamismo de sua vocação, devem infundir no coração do outro uma inspiração de fé e compromisso e um grande sentido do amor cristão que faça florescer no mundo o ardor missionário que cada um carrega em si. (cf. Mc 16,15).

⁴⁶ LG Cap. IV n° 30 p. 147

⁴⁷ Ef 4,5 cf. LG 32.p.149

⁴⁸ 2Pd 1,1 cf. LG 32 p.149

⁴⁹ Doc 105 n. 51

⁵⁰ GS n.43

Entre os tantos desafios e a sedução de servir à Igreja, o caminho dos cristãos se faz na contemplação do Reino de Deus, e na constante esperança de contribuir direto e indireto para a economia da salvação.

Nos vai-e-vem da missão, muitas vezes aquele leigo, aquela leiga carregam no rosto, o cansaço físico do passo a passo da caminhada, o peso da responsabilidade, a angústia interior das decepções, as quedas e os desafetos do caminho, porém, no coração transborda a alegria e a felicidade do dever cumprido e a certeza de contribuir para um mundo melhor.

Diante deste cenário, vemos que a vivência da comunidade cristã, configurada pela ação libertadora de uma Igreja em saída, promove uma dinâmica missionária que exige o equilíbrio entre o “Eu” e o “outro” sem fixação dos dons e funções individuais. Aqui entra o conceito de que o leigo, sujeito na Igreja e no mundo deve ser um cristão maduro na fé, disposto a assumir as consequências de sua escolha.

Os leigos que atuam nas nossas comunidade cristãs de norte a sul do país, são pessoas distintas, atraídas por realidades diversas e movidas por sentimentos solidários tão nobres, que muitas vezes primeiro, precisam vencer os obstáculos dentro de casa, na própria família para poder, em nome da Igreja, ser sal e luz na diversidade do mundo. São homens e mulheres que se esvaziam dos seus desejos, de seus ideais de seus planos e projetos, enfim, de seus próprios sonhos para preencher-se do sonho de Deus. São casais, são famílias inteiras, jovens adultos e pessoas idosas, levando a sério a missão da Igreja e avançando em direção ao Projeto do Reino⁵¹.

A valorização e a gratuidade do amor que se vive nas famílias enaltecem a Igreja, pois, a espiritualidade materna da Igreja reconhece que, a paternidade e a maternidade são dons de Deus, contribuindo assim para a obra da criação. É na família onde é gerada a vida humana e, onde, ela se multiplica. Quando o casal recebe e acolhe com amor os filhos, sejam perfeitos ou carentes de atenção especial, também estão testemunhando o Evangelho da vida e dando testemunho vital de sua vocação. A

⁵¹ DOC 105 n. 11 p.19

vocação de ser “pai” e “mãe” de família. Estarão portanto, mostrando ao mundo a verdadeira identidade de um casal cristão⁵².

Entre os diferentes rostos do laicato, encontra-se as crianças no desempenho de suas atividades e ministérios (catequese, Infância Missionária, coroinhas, etc.), os jovens na pastoral da juventude, os idosos, sobretudo os que zelam pela parte litúrgica da Igreja, também os que participam dos movimentos integrantes da pastoral do Idoso e terceira idade, as mulheres, que embora a Igreja reconheça ser ainda preciso ampliar o espaço feminino, essa presença já se determina de valor e necessidade mensurável, tanto no campo religioso quanto na vida social⁵³.

A participação da mulher sempre foi de grande importância na vida e na missão da Igreja e nos diversos ambientes da sociedade. Os vários aspectos primordiais das atribuições da Igreja e da família são elaborados e exercidos pela mulher. Geralmente é a mulher que na Igreja se encarrega com mais zelo, com mais dedicação e entrega, dos serviços pastorais de caridade e solidariedade. É ela que na família cultiva a fé, orienta os filhos para os sacramentos, assume as tarefas missionárias nas mais diversas expressões, enfim, é a mulher que sustenta as bases pastorais da Igreja e mantém o equilíbrio familiar, ou seja, é o sustentáculo entre o poder “temporal” e o “espiritual”, entre a “fé” e a “vida”.

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco manifestou seu reconhecimento pela contribuição da mulher à sociedade e à Igreja, onde defende que a participação da mulher devia ser mais bem reconhecida e valorizada e que esta participação do “gênio feminino” é indispensável em todos os âmbitos, tanto na Igreja como nas estruturas sociais⁵⁴.

Dizer que a Igreja se alegra com os cristãos leigos e leigas é um fato, porém é inegável que ainda há de se quebrar muitos tabus a respeito da presença destes em alguns espaços e ministérios da Igreja. É muito visível tais rejeições por parte de alguns clérigos, algumas paróquias e dioceses, principalmente aquelas mais conservadoras, quando limita ou até especifica algumas tarefas para os leigos, de modo que algumas são determinadas somente para o ministro homem, mulher não é bem aceita. Contudo,

⁵² Doc 105 n. 52

⁵³ Doc 105 ns.53-56

⁵⁴ Cf GS 103

todos os vocacionados, seja ao ministério ordenado, seja à vida religiosa, ou somente leigos pela graça de Deus, carregam em si a “marca” do “serviço” e no rosto o “símbolo” da “fé”. São como que um divisor de águas nas suas Igrejas. Dão exemplo de partilha, de alegria e de esperança. Oferecem suas vidas para o crescimento do Reino de Deus⁵⁵.

Se não houver uma verdadeira organização e coordenação por parte das comunidades cristãs, não será possível uma verdadeira ação libertadora das torturas, da miséria, da violência, das injustiças vividas por tantos de nossos irmãos, que apresentam diariamente uma multiplicidade de rostos.

Mas, o verdadeiro rosto é o do “amor” que brota do coração de Deus. A única via é a via do Amor. Por ela o cristão leigo deve caminhar traçando os passos da “caridade”.

2.2 NA DIVERSIDADE DE DONS E MINISTÉRIOS

Por meio dos carismas, serviços e ministérios, o Espírito Santo capacita a todos na Igreja para a missão evangelizadora e transformadora. Os carismas independentes de delegação de funções ou carência da comunidade, devem ser acolhidos e valorizados em espírito de comunhão, na perspectiva de uma Igreja ministerial e descentralizada.

Com efeito, todo ministério é um carisma, por ser um dom de Deus; mas nem todo carisma é um ministério, já que o ministério assume a configuração de serviço⁵⁶.

Em muitas comunidades, (ou em quase todas hoje em dia), por conta da enorme falta de ministros ordenados, é muito comum ver leigos e leigas exercendo o ministério laical em diversificados ofícios, cooperando naquilo que o Concílio Vaticano II, sonhou, idealizou e tornou oficial denominando-o de “*múnus*”.

⁵⁵ Doc 105 ns. 60-61

⁵⁶ Doc 105 n.152, 155

Se na Igreja nem todos caminham pela mesma via, ainda assim, todos são chamados à santidade e têm igualmente a mesma fé pela justiça de Deus⁵⁷.

A concepção de espiritualidade vivida pelos leigos é certamente afetada por uma série de tendências. O ideal cristão proposto e vivido por eles é exigente e laborioso, feito de abnegação de si mesmo (cf. Maria Clara Bingemer – Ser Cristão Hoje cap 4, p. 126). Deste pensamento podemos abstrair um conceito mais formal e verdadeiro de espiritualidade cristã e laical, pautada pelos desígnios da fé e pelo amor doação. Um amor que cruza fronteiras e vai além dos obstáculos.

Sendo a iniciação à vida cristã, a fonte e a origem do discipulado e da missão, a espiritualidade laical encontra sustentação na palavra partilhada e vivenciada, na doação dos dons e na oração. O Batismo e a Crisma imprimem no cristão um caráter de unidade, de liberdade, de serviço e compromisso, visto que a Eucaristia une a todos na mesma fração do Pão(Cf: 1 Cor 10,17)⁵⁸.

Os leigos, ao tomar parte ativa na vida da Igreja não devem apenas impregnar o mundo com o espírito cristão, mas também ser células vivas do Evangelho no seio da comunidade humana (cf. GS 43 p.58).

Num contexto bíblico desde os primórdios da história, o chamamento de Deus, mesmo dirigido a uma só pessoa, tem sempre em vista o serviço a todo um povo e por este povo, à toda humanidade⁵⁹.

É de competência do laicato, assumir o compromisso transformador que suscita do amor apaixonado por Jesus Cristo, capaz de permear com ardor evangélico as necessidades das periferias urbanas e rurais, aproximando a Igreja das carências mais urgentes do seu povo⁶⁰.

Jesus nos ensina a verdadeira condição de sermos sujeitos de nossas vidas. Como referência principal ele apresenta suas atitudes, seu jeito de ser e nos convida a tomarmos posse de nossa liberdade para vivermos este amor incondicional como seus discípulos e missionários, conscientes de nossa missão e de nossa dignidade.

⁵⁷ 2Pd 1,1 cf. LG 32 p.149

⁵⁸ Doc 105 n. 104

⁵⁹ Doc 105 n.95

⁶⁰ Doc 105 n. 161

O seguimento da fé em Jesus Cristo nos insere em sua vida, em seus sentimentos, em sua própria pessoa e em sua missão⁶¹.

Todos os cristãos são chamados a viver “em Cristo”, ou seja, a viver uma vida santa, configurada ao Mestre. Messias, Senhor e Santo de Deus.

O batizado, seja qual for o carisma recebido e o ministério que exerce, foi mediante os sacramentos (Batismo e Crisma), incorporado a Cristo e ungido pelo Espírito e assim constituído membro do povo de Deus. Todos os batizados são Igreja. Esta Igreja é, portanto, o “nós” do cristão, que lhe dá pertença aos bens celestes escatológicos. A Igreja existe em cada cristão e assim é por ele vivida. E todos os cristãos alcançam uma mística, uma espiritualidade que os introduz sempre mais plenamente no mistério da fé. A “espiritualidade dos leigos” os constitui na assembleia o sujeito litúrgico total⁶².

A Igreja é o povo santo de Deus, peregrino e evangelizador. É o corpo de Cristo presente e atuante na história dos seres humanos. É o templo do Espírito Santo. Pelos sacramentos de iniciação cristã, sobretudo pelo Batismo, todos são chamados à filiação divina e a tornar-se membros vivos do povo de Deus. Nessa igualdade comum, se funda a identidade e a dignidade da vocação dos cristãos leigos, expressa no sacerdócio comum, no *sensus fidei*, no perfil mariano da Igreja e na vocação universal à santidade⁶³.

Os Leigos são portanto, porta-vozes da novidade do evangelho e da ação libertadora da Igreja. São convocados a propagar e vivenciar a solidariedade humana e colaborarem por meio da mística do serviço na defesa das políticas públicas e na transformação das estruturas injustas.

Em toda caminhada histórica, pós Concílio Vaticano II, os documentos conciliares lançam uma maior abertura à participação dos cristãos leigos na vida eclesial da Igreja, que embora conscientes de sua identidade e da missão que lhes compete, também perpassam por todas as experiências possíveis de aceitação e de rejeição, de progressos e derrocadas, de avanços e recuos.

⁶¹ Doc 105 n. 91 p 65

⁶² BINGEMER, Maria Helena– Ser Cristão Hoje p.124/125

⁶³ Doc 105 n.92 p 66

Para alguns leigos e leigas, incluindo os de diferentes rostos, de distintas posições sociais, parece mais fácil falar em nome da Igreja, fazer o caminho percorrido pelos desígnios da fé, superar os obstáculos, encontrar soluções, chegar ao ponto, enfim, levar as respostas que o mundo necessita e que o Evangelho propõe. Para outros missionários, não é tão simples e nem de boa recepção, sobretudo aqueles que não receberam uma instrução mais sólida, uma formação constante, mesmo assim, todos são convocados, dos mais instruídos aos mais simples, independente da função que ocupam. Todos são pelo batismo, sujeitos ativos de evangelização e possuídos pela sabedoria do Espírito que os guia na verdade (cf. EG, n. 119-120). Logo, todos são enviados e instigados para serem caminhos de inspiração, ponte de ligação entre o céu e a terra⁶⁴.

Na linha dos avanços a categoria laical vem despontando gradativamente, a começar pela ação evangelizadoras dos leigos e leigas, cuja teologia aplicada na maioria dos setores da Igreja despertou o interesse das pessoas de boa vontade, fazendo com que o apostolado dos leigos fosse se fortalecendo e ganhando estrutura no âmbito eclesial. (cf. Doc.105 n.24, p. 27).

Mas um grande e significativo avanço na pedagogia do laicato vem do Papa Francisco, quando entre tantos ensinamentos apresenta:

a mística da proximidade; é necessário pois, no dinamismo do “ver”, conhecer de perto a realidade de cada região, de cada povo, de cada família, para poder ser sinal de esperança na sociedade; na pedagogia do “julgar”, se faz necessário o diálogo, pois para conhecer também é preciso ouvir, não somente uma escuta auricular, mas ouvir com o coração como já foi citado.

A justificação dar-se no prazer de ser povo. Os leigos são povos itinerantes nas estradas da vida, na certeza de que, quem toca no pobre, toca na carne de Jesus, e que na cura das feridas, está o aquecimento dos corações; Corações de homens e mulheres que não têm medo de entrar na noite do povo para celebrar o “agir”.

⁶⁴ Doc. 105, n. 23 p.26

O agir de Deus passa pelo coração amoroso dos homens e das mulheres de boa vontade.

Nestas manifestações espirituais e pastorais, vemos claro os sinais da esperança que o Papa Francisco deposita nos cristãos leigos e leigas como protagonistas da nova evangelização⁶⁵.

Embora a Igreja hoje esteja vivendo um clima de renovação, frente aos avanços aqui apresentados, e os leigos um tanto mais conscientizados de seu compromisso eclesial e de sua missão evangelizadora, ainda assim perpassa por alguns recuos, sejam de natureza formativa, seja por indiferenças. Ainda que se remeta diretamente à caminhada de toda a Igreja, essas tendências negativas afetam fortemente na prática dos cristãos leigos, que apesar de instruídos no seguimento da fé, são muitas vezes rejeitados nas suas ações e com isso submetidos ao desafio de recuar, de desistir e renunciar à missão.

Diante da escassez do clero no Brasil, grande parte dos serviços ministeriais e pastorais é entregue aos leigos, ou indiretamente passa pelas suas mãos. No contexto do sacerdócio comum, os cristãos leigos são portadores da graça batismal e por ela atribuídos à fraternidade, à irmandade e à dignidade de todos na Igreja, enquanto única família de Deus, recebendo portanto, o caráter sacramental que os diferencia dos não batizados.

A Igreja tem milhares de Comunidades espalhadas pelo mundo inteiro. Nelas, leigos e leigas colocam-se a serviços dos fiéis destas comunidades e de tantas outras pessoas não pertencente a elas. É dessa forma que cristãos atuantes nos diversos setores da sociedade periférica urbana, brilham com sua competência, sua fé e seu humanismo, contribuindo para o desenvolvimento integral da humanidade e da missão evangelizadora da Igreja no mundo⁶⁶.

A simbologia do “sal” e da “luz” aplicada aos cristãos leigos, só terá sentido com a prática do serviço proveniente da fé em Deus e do amor ao próximo. Nem o sal, nem a luz, nem a Igreja e nenhum cristão vivem para si mesmo. No caso dos cristãos

⁶⁵ DOC 105 n. 36 p. 30

⁶⁶ DOC 105 ns. 33-34 p. 29

somente surtirão o efeito da Boa Nova, se estiverem ligados a Jesus Cristo (Cf. João 15,1-8).

A missão do leigo trás sempre a marca do ministério profético identificado entre o anúncio e a denúncia, entre o aprender e o ensinar.

Onde tem um catequista conduzindo a Jesus Cristo pelo ministério da Palavra, uma criança ou um adulto; onde tem um coordenador de pastoral ou de comunidade zelando pelo bem-estar do povo e das “coisas do Pai”; onde está um ministro da Sagrada Comunhão assistindo um doente; onde existe um leigo falando de paz, ali está a felicidade. Onde há partilha dos dons há também a presença de Deus⁶⁷.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB na 37ª Assembleia de Itaici, em 22 de abril de 1999, abordou na sua introdução: “Os homens e as mulheres de hoje se parecem com os caminantes que iam na tarde da Páscoa para Emaús. Decepcionados, conversavam entre si sobre seus desenganos, sobre as esperanças frustradas. É a mesma conversa do povo hoje: Espera por um progresso econômico e cultural que satisfaça a condição de vida de todos para todos e só vê a situação pessoal piorar; espera por cristãos mais fiéis e comprometidos com o Evangelho, mais abertos ao diálogo e só encontra frieza e pouca fé”. Esta é uma perspectiva de recuo, onde o cristão leigo deve ser presença salvífica, animando, transformando, estabelecendo laços e construindo afetos.

Frente aos desafios de um mundo confusamente globalizado, onde a lei do mercado ofusca a alma humana, onde o sistema econômico gera simultaneamente a lei da oferta e da procura. O resultando oscila entre tantos outros fatores, desafiantes e degradantes tentações. Entre o mundo rico e o mundo pobre, a missão dos leigos perpassa por uma série de conceitos e conflitos internos e externos.

Embora a condição laical deva ser definida a partir do batismo cristão e não em decorrência de hierarquia eclesial, torna-se transparente e até viável que o trabalho e o ambiente sociopolítico dos leigos no mundo, a cada instante, vem configurando diversas transformações.

⁶⁷ DOC 105 59 p.38

O homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no desempenho de sua missão. O caminho primeiro e fundamental é traçado pelo próprio Cristo. Isto indica que o mundo é o primeiro lugar da missão evangelizadora do laicato.

Esta mesma linha de pensamento aponta para a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in America*, que vem colocar os cristãos leigos levando o evangelho para dentro das estruturas do mundo. Neste contexto, os leigos santamente consagram a Deus o próprio mundo⁶⁸.

De acordo com o Documento de Aparecida a sociedade e o mundo atual se aceleraram com desenfreadas mudanças. A realidade está cada vez, mais complexa. Numa crise de sentidos, o humano cada vez mais só, mais consternado em suas próprias escolhas, por outro lado o individualismo e a ausência do “nós”.

De fato, estamos sendo invadidos por uma colonização cultural homogeneizada que nos impõe culturas falsas com a tendência de desprezar o que é real. As relações humanas estão sendo consideradas objetos de consumo, afetando costumes e critérios nas relações afetivas, distanciando a consciência cristã do “ser” e do “estar”⁶⁹.

O leigo é, pois, o cristão sem acréscimos, sem adjetivações outras, que sua própria pertença a Cristo pelo Batismo. E não existiria a partir dessa fundamentação, espiritualidade própria dos “leigos”, que são chamados simplesmente a viver a vida “em cristo” e no espírito como todos os cristãos. (cf. Ser Cristão Hoje, Cap 4 p. 124 – Maria Clara Bingemer).

“Assim, todo leigo, em virtude dos dons que lhe foram conferidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da própria Igreja pela medida do dom de Cristo” (cf. CIC 913).

O prazer de Deus é salvar e santificar os homens, não apenas alguns, não individualmente, mas todos que o reconhecem na verdade e o serve santamente. As tarefas dos leigos são pertinentes e distintas. O papel do leigo é evangelizar, escutar e

⁶⁸ DOC 105 n. 65 p. 40

⁶⁹ DAp 46

estudar a palavra de Deus. É trazer novos cristãos à Igreja, reunir os dispersos, formar para os sacramentos e facilitar a participação de todos na vida da comunidade. Essa relação de comunhão e diversidade é vivida por todo o povo eleito, na mesma dignidade, em peregrinação ao Reino definitivo no qual nenhuma diferença será desqualificada nem rejeitada⁷⁰.

Pela valorização dos sacramentos de iniciação à vida cristã, o Concílio Vaticano II, equipara a dignidade de todos os batizados e os torna inseridos na mesma comunhão e na mesma ordem da graça divina e do ser cristão⁷¹.

Neste contexto de comunhão universal, a Igreja deve abarcar todas as pessoas que se colocam a serviço da vida, estabelecer o diálogo e o entendimento com os cristãos de outras denominações, até mesmo com os não cristãos, resgatar os afastados e criar relações ecumênicas capazes de construir uma identidade de afetos e solidariedade.

Cada pessoa é definida a partir do universo de sua essência, abarcando na sua totalidade dimensões diversas, absolvendo da interioridade da sua trajetória, uma referência, um ponto de partida, uma linha transcendente. Sua filiação vem de origem divina – filho de Deus – e o seu destino, sua realização é a comunhão com o mesmo Deus. A missão dos cristãos leigos se favorece desta fonte.

Nesta Igreja comunhão, o cristão é convidado a se desenvolver como um ser capaz de conhecer e amar o seu criador, por isto é também capaz de afeto e de amor, isso classifica uma abertura às relações consigo mesmo, com os demais seres humanos, com Deus e com a natureza, a partir do ser imagem e semelhança de Deus que é Amor e, ao mesmo tempo comunhão⁷².

As paróquias e as comunidades são na verdade espaços para uma vivência comunitária de unidade e reflexões. Ali os leigos alimentam sua fé, somam forças para buscar e encontrar soluções. Como sujeitos eclesiais promovem a união na diversidade. Enfim, o espaço comunitário é um ambiente propício de participação e comunhão.

⁷⁰ Doc. 105 ns. 98/99

⁷¹ Doc 105, n. 104

⁷² Cf GS n° 12

O Encontro com Jesus gera no cristão, uma espiritualidade integral de comunhão e de liberdade, assim como, exige uma renovação de identidade, pois para viver a liberdade de filhos e filhas do mesmo Pai, requer uma dosagem de comum acordo, contemplando assim, a conversão pessoal, o discipulado, a experiência comunitária, a formação bíblico-teológica e o compromisso missionário⁷³.

É a partir de Jesus Cristo que a Igreja se propõe a trabalhar na construção de uma cultura humanitária, onde a cultura do diálogo venha gerar a cultura do encontro e vice e versa. Isso implica na dinamização de todas as culturas e religiões. É a mística principal de toda a Igreja e um desafio constante para os cristãos leigos.

Em meio a sua inserção no mundo os leigos e leigas assumem a experiência de ser fermento, sal e luz nos ambientes em que vivem, no testemunho verdadeiro por meio da oração e da partilha.

⁷³ cf. DAp, n. 226; 278

CAPÍTULO III

AÇÃO TRANSFORMADORA DO APOSTOLADO LEIGO

A Igreja está inserida na realidade atual, como sinal de salvação do mundo. É o grande redil, cuja porta única e necessária é Jesus Cristo. É o rebanho do qual o próprio Deus é o Pastor. É também chamada “Jerusalém do alto” e “nossa mãe”⁷⁴. Porém, na sua missão evangelizadora perpassa todos os limites de condições e estruturas ministeriais.

No seio matriarcal da Igreja todos são convidados a aderir e vivenciar o sonho do encontro e da comunhão. Os serviços e ministérios que cada cristão exerce na Igreja e como Igreja, são respostas aos dons recebidos do Espírito do Ressuscitado, em detrimento à construção da comunhão na grande diversidade da vida. É dessa escola que todo cristão leigo parte para as várias realidades nas diferentes propostas do Reino.

Sendo o leigo situado como sujeito de transformação na estrutura da Igreja e da sociedade, tende a avançar cada vez mais no seu desempenho profético e apostólico, já que sua missão somente alcançará uma boa compreensão e um resultado satisfatório no âmbito da evangelização, se inserida no horizonte eclesiológico e universal da Igreja Povo de Deus, pois é pelo apostolado dos leigos, (homens e mulheres) comprometidos com a Justiça e a Paz Mundial que os pilares desta mesma Igreja se sustentam.

A Igreja é arauto do Evangelho inserido no coração da humanidade e sua presença humaniza culturas e realidades diversas. É dessa forma que a ação pastoral dos leigos se torna um meio de fazer discípulos (cf. Mt 28,19), segundo o desejo de Jesus, é fazer com que a Igreja crie unidade e seja instrumento de transformação.

Para o Concílio Vaticano II, a Igreja está dentro do mundo, não fora dele, nem ao lado, nem acima, nem contraposto a ele. Portanto, também o cristão leigo está para

⁷⁴ LG 6

caminhar com a Igreja, não fora dela, não acima dela, muito menos contraposto a ela. A Igreja é vista no seu próprio mistério. Sua realidade é muito grande. É obra do Deus-Trindade. Em relação ao mundo torna-se pequena. O mundo é visto em grande dimensão, dentro dele situa-se a Igreja, que nessa relação torna-se pequena, porém, tanto na Igreja quanto no mundo o trabalho do leigo por menor que seja, torna-se grande, parte da ideia de que a evangelização compreende o anúncio da boa nova da salvação⁷⁵.

Também o decreto *Apostolicam Actuositatem* afirma que em virtude do batismo, os leigos recebem do próprio Deus o selo da vocação e delegação para seu apostolado. São consagrados como sacerdócio real e povo santo e que este deve ser exercido na fé, na esperança e na caridade, que o espírito Santo difunde nos corações de todos os membros da Igreja⁷⁶.

Os cristãos leigos, no cumprimento da sua missão na Igreja, exercem o seu apostolado na ordem espiritual e na ordem temporal. Embora estas ordens sejam distintas, estão unidas num único plano de Deus, que ele próprio presente assume em Cristo. Em ambas as ordens, e de maneira íntegra o leigo deve sempre guiar-se por uma só consciência cristã⁷⁷.

A missão evangelizadora se faz por meio de diálogos e argumentações concretas, onde os representantes da Igreja e todos os fiéis cristãos, a partir de um autêntico testemunho possam interpelar todas as propostas e desafios da realidade atual.

O Leigo em saída é a Igreja de portas abertas, referenciada pelo Reino e direcionada para as urgências do mundo, na ânsia de chegar às periferias humanas. Restabelecendo vidas, fazendo-se encarnar como Igreja solidária, que depende da ação dos leigos, cuja obra será frutífera se estiverem ligados a videira que é Jesus (Doc.105 CNBB n. 14, 85).

No contexto da realidade atual os documentos conciliares, retratam uma Igreja presente num mundo em transformação, marcado por tantos misticismos e contradições,

⁷⁵ CNBB Doc. 105 n° 15 p. 22

⁷⁶ 1 Pe 2,4-10; AA 3

⁷⁷ AA 5. P.377

onde ela mesma deve ler permanentemente os sinais dos tempos, para poder exercer sua missão de discípula no meio do povo. E assim, com os olhos atentos ao mundo inteiro os leigos possam realizar as tarefas da vida, em favor do progresso de toda a família humana. A mensagem da Igreja testemunhada pelos leigos deve ser a mesma do Apóstolo: “Eis o tempo favorável” “eis o dia da Salvação”⁷⁸.

De fato, o Concílio Vaticano II, apresentou uma Igreja de frente para o mundo; quis falar aos homens e mulheres, com rostos de amarguras e esperanças; reportou-se a uma sociedade inquieta e articuladora, embora em meio às angústias dos tempos atuais. Os leigos não podem deixar-se banalizar pelas discórdias e perseguições, mas alimentar-se do vigor do evangelho para que a Igreja, (Sacramento) de Cristo comunique a todos uma mensagem de fraternidade e paz⁷⁹.

Neste caminhar, entre as alegrias e as tristezas, as esperanças e as angústias, os cristãos leigos cruzam as fronteiras dos desafios e das conquistas, em que, seduzidos pelas propostas do Evangelho se deixam abastecer, de força, de coragem, de expectativas, principalmente de muita humildade e fé. Embora ainda eles encontrem alguns entraves para a vivência de sua fé, já que algumas oposições estão enraizadas, tanto na mentalidade quanto nas práticas das comunidades e dos fiéis⁸⁰, nem assim, os leigos tendem recuar nas suas atribuições, nem entregam-se ao cansaço. O grande motivo é Deus, é dele que vem toda força, determinação e espiritualidade. Leigos e leigas são o instrumento principal na ação libertadora de uma Igreja que caminha fraternalmente com toda a humanidade, contempla os sinais dos tempos, e sustenta-se como sendo o fermento e a alma da sociedade humana⁸¹.

Os cristãos são a alma do mundo. “Assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo; os cristãos por todas as partes do mundo. A alma habita no corpo, mas

⁷⁸ Cf.GS n.82 p.119

⁷⁹ Cf.GS n. 83 p. 119

⁸⁰ Doc 105 n.133

⁸¹ GS Cap IV

não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, porém não pertencem ao mundo⁸².

Ser leigo na Igreja e no mundo hoje, é Caminhar “com Jesus na contra mão” (Frei Carlos Mesters), é misturar sentimentos com obrigações, agregar conhecimentos, mesmo diante dos obstáculos e das perseguições; é somar forças e decisões; enveredar nos caminhos largos ou estreitos, é abstrair as respostas mais confusas da sociedade, sendo ao mesmo tempo, “sal”, “fermento” e “luz”, enfim, o cristão leigo é instrumento de paz e esperança no coração de Deus. É do leigo a característica do “ser” e do “agir” da Igreja⁸³.

Uma das grandes angústias dos leigos são as tentações na missão. O cair em tentação diante do medo. Medo de anunciar a verdade, de apontar os erros (até mesmo da Igreja, se for preciso), medo das críticas, das irreverências pessoais, medo das investidas do mal, medo de se expor e de falar o que pensa etc.,

O trabalho dos leigos muitas vezes é influenciado pelas tentações do mundo, chegando a ceder em alguns momentos aos desvios e modelos mundanos, por isso, o cristão a serviço da Igreja, necessita sempre de uma contínua conversão.

O Documento 62 afirma: “é desejável que em sua missão os cristãos leigos superando eventuais divisões e preconceitos, busquem valorizar suas diversas formas de organização, em especial os Conselhos de Leigos em todos os níveis”⁸⁴.

Os leigos na configuração “povo de Deus”, é um povo no meio de outro povo que não constitui um povo à parte, isolado, alienado, mas uma nação forte, reunida e abastecida de espiritualidade. Não é a Igreja que se inspira na sociedade, mas é esta que se inspira na Igreja, é dela que deve brotar a alegria e a esperança⁸⁵.

A dinâmica do apostolado dos leigos passa por este processo universal. O chamado é constante, o serviço é permanente e o objetivo é alcançar de forma comunitária e eclesial a maior cota possível de pessoas evangelizadas e catequizadas para atuar no campo da divulgação e da formação cristã.

⁸² Carta a Diogneto – Doc 105 n.22 p 26

⁸³ Doc 105 n. 87

⁸⁴ Doc 105 n.212

⁸⁵ Cf. As Janelas do Vaticano II, Cap. 4 – A Igreja, Povo de Deus em Comunhão – Osmar Cavaca

O leigo, conduzido pelo fermento de uma nova aliança, de um novo ardor missionário, em posse da condição e liberdade dos filhos de Deus, sua lei é o mandamento novo do amor, sua meta é o Reino de Deus para todos⁸⁶.

O desafio do cristão é examinar tudo e ficar com o que é bom. Construir o tempo presente na perspectiva do Reino que já se faz presente e de sua transcendência, mediante a graça divina que não se esgota⁸⁷.

O compromisso do cristão leigo na transformação da história e do mundo, parte de sua inserção nas estruturas sociais e religiosas. Os grandes centros de evangelização dependem muito da presença dos leigos nas diferentes áreas pastorais, de onde parte toda a ação libertadora da Igreja, pela qual os leigos são enviados e capacitado a agirem na transformação das estruturas injustas. A *Gaudium et Spes* 43, afirma que o cristão que descuida de seus deveres temporais, falta aos seus deveres para com o próximo e até para com o próprio Deus, e põe em risco a sua salvação eterna”.

Sem dúvida, o leigo sujeito na Igreja e no mundo é a pessoa que faz o encontro pessoal com Jesus Cristo e se propõe a segui-lo.

Entre os que por algum motivo afastam-se silenciosamente, existem aqueles que se colocam na condição de sujeitos ativos e corresponsáveis pelo crescimento da Igreja e a dignidade de todo o povo de Deus. Não se afastam, não abandonam sua fé nem sua Igreja, não mudam a direção, não desistem, persistem, seguem em frente, navegam rumo aos apelos do Evangelho pelos caminhos do Reino.

O capítulo terceiro do Doc. 105, faz um itinerário relevante da missão dos leigos no que se refere a ação transformadora do seu trabalho na sociedade. Esta ação aponta para uma Igreja missionária, encarnada na vida do povo em constante diálogo com o mundo. Um diálogo muito mais da misericórdia do que da severidade, muito mais do perdão do que do pré-julgamento e da indiferença (170/172).

A Igreja em saída referenciada pelo Papa Francisco sugere ao cristão leigo uma evangelização dinâmica, ousada, criativa, corajosa e alegre. “Os leigos não terão medo de se sujar com a lama da estrada”, pois são uma missão na terra e para isto estão

⁸⁶ Doc. 105 ns 95-97

⁸⁷ Doc 105 n 78

neste mundo, diz ele, mas antes necessitam serem abastecidos do amor de Deus em Jesus Cristo (173/174).

O documento quando remetido a uma Igreja do serviço, da escuta e do diálogo, está querendo estabelecer em suas bases a “cultura do encontro”. Retrata a necessidade de uma abertura universal em todos os níveis, culturais e religiosos. Nunca haverá crescimento, partilha e comunhão, em uma instituição fechada, alienada, seja na comunidade paroquial, seja na diocese, seja na família, ou até mesmo no individual de cada leigo ou leiga. Toda atitude de fechamento agride a universalidade do povo de Deus. É preciso abrir o leque do respeito às diversidades, enxugar os desalinhos, estreitar os afetos e a espiritualidade e alargar os caminhos do ecumenismo. Somente assim, os leigos tomarão posse do tão sonhado protagonismo, e a Igreja, da ação libertador a⁸⁸.

Com base na Exortação Apostólica “*Evangelli Gaudium*” o documento faz uma síntese da religiosidade popular como sendo uma força evangelizadora, onde iluminado pelo espírito Santo, o povo se evangeliza a si mesmo. Nessa piedade popular, retratada como sendo a sede de Deus, o povo experimenta na sua essência três motivações: generosidade, sacrifício e heroísmo. A espiritualidade popular parte da simplicidade de viver a fé e do “ser” Igreja. “A religiosidade popular é fruto do Evangelho inculturado”, é uma fonte de ensinamentos na qual os cristãos leigos alimentam suas inspirações teológicas para melhor identificar as razões primeiras de suas atribuições⁸⁹. O Papa Emérito Bento XVI chama a religiosidade popular de “precioso tesouro da Igreja Católica”⁹⁰.

A fidelidade dos fiéis leigos, enquanto discípulos de Cristo se configura a partir dos sacramentos, e por força deles, Deus os imprime a própria imagem de Seu Filho Jesus Cristo. “Deste dom divino de graça, e não de concessões humanas, nasce o tríplice “múnus” (dom e dever), que qualifica o leigo como profeta sacerdote e rei”⁹¹.

⁸⁸ Doc. 105 n. 182

⁸⁹ Doc. 105 197

⁹⁰ Doc 105 198

⁹¹ Cf. Comp. DSI 542

Desde o século passado até os dias atuais, a presença organizadora dos leigos em função de sua ação apostólica, vem respondendo aos desafios da Igreja e da sociedade brasileira nos diferentes espaços, momentos e modelos existentes.

Foram tantos os modelos de Igrejas, desde a Ação Católica Geral (com uma presença significativa), na realidade eclesial e social daquele período que antecedia ao Concílio Vaticano II, onde a Igreja tomou consciência do seu compromisso com a ação transformadora da sociedade, mediante os valores evangélicos que definia as relações da Igreja com o mundo em bases renovadas, na perspectiva de uma nova cristandade. Neste contexto se delineava os traços da teologia do laicato, bem como, o estatuto do leigo na Igreja⁹².

Em consequência dos documentos conciliares, emergiu fortemente a consciência dos cristãos leigos e leigas como povo de Deus e sujeitos eclesiais, a multiplicação de sua presença, e o surgimento de inúmeras iniciativas e atividades que brotaram na vida da Igreja no Brasil.

Entre os organismos religiosos de característica popular, estão as “Comunidades Eclesiais de Base” (CEBs), constituídas no Brasil desde 1960 e despontando como um avanço na Igreja, construindo espaços privilegiados de participação de cristãos leigos, gerando comunhão e levantando com o espírito de renovação e a força do Evangelho os movimentos populares e as pastorais sociais. “As CEBs têm a Palavra de Deus como centro, uma dimensão missionária que se agrega nas lutas de transformação da sociedade na perspectiva do Reino de Deus”⁹³.

Também como fruto do Concílio Vaticano II, criou-se no Brasil o Conselho Nacional do Leigo (CNL), que hoje denomina-se “Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB), mediante o qual articula-se toda e qualquer ação dos leigos e movimentos a eles destinados. O CNL, ao longo de sua caminhada foi se estruturando em Conselhos Regionais e Diocesanos, e também agregando movimentos e associações laicais.

Na sequência, por meio da 4ª Assembleia da CNBB de 1999, aprovou-se o documento 62 – “Missão e Ministérios dos Leigos e Leigas.

⁹² Doc 105 n. 202

⁹³ Doc 105 204

Nessa dimensão o CNLB capacita os leigos e leigas a uma consciência crítica e criativa, apoia mecanismos de formação capaz de instruir e ajudar o laicato a descobrir sua identidade, vocação e missão, oferecendo elementos fundamentais com vista à construção de uma sociedade justa e fraterna (213)

Os fiéis leigos são chamados a cultivar uma autêntica espiritualidade laical, que os regenere como homens e mulheres novos, imersos no mistério de Deus e inseridos na sociedade, santos e santificadores. Uma semelhante espiritualidade edifica o mundo segundo o espírito de Jesus: torna capaz de olhar para além da história, sem dela se afastar; de cultivar um amor apaixonado por Deus, sem tirar o olhar dos irmãos, que se conseguem ver como os vê o Senhor e amar como ele os ama⁹⁴.

Com o Ano do Laicato lançado em novembro de 2017, e trabalhado a nível nacional até 2018, a CNBB propôs fazer um grande aprofundamento sobre a importância dos leigos e sua presença e atuação na vida e na missão da Igreja. O objetivo foi: como Igreja, povo de Deus, celebrar a presença e a organização dos cristãos leigos e leigas no Brasil; descobrir sua identidade, vocação, espiritualidade e missão, testemunhando Jesus Cristo e seu Reino em todos os organismos sociais.

Com esse trabalho buscou-se a afirmação dos leigos e leigas como verdadeiros sujeitos eclesiais, atuando nas diversas realidades em que se encontram inseridos na Igreja e no mundo.

⁹⁴ Compêndio da Doutrina Social da Igreja – N° 545 p. 302

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com base nos documentos aqui citados, objetos desta pesquisa, abordamos o tema da teologia do laicato com aprofundamento da realidade temporal, inserida na missão dos cristãos leigos, querendo compreender sua vocação e desempenho na vida da Igreja e na sociedade atual.

Em toda a pesquisa tratamos da situação dos leigos e leigas espalhados mundo à fora. Acompanhamos a evolução, avanços, bem como os recuos do seu apostolado tanto no aspecto religioso quanto no temporal, e o caráter secular que os caracterizam junto a relevância de sua missão na Igreja e no mundo⁹⁵.

Embora o grande campo de ação do amor de Deus⁹⁶, não esteja totalmente preenchido pela presença dos fiéis cristãos, ou não seja visivelmente percebida, ainda assim, uma considerável maioria de missionários e discípulos leigos, conscientes e comprometidos com o Evangelhos de Jesus Cristo, fazem a grande diferença, vivendo o carisma de sua vocação na gratuidade do serviço, segundo o dinamismo da fé.

Diante de um considerável êxodo religioso de cristãos católicos, que se afastam, dispersam, ou aderem a outras denominações, busca-se evitar que venha ocorrer um certo esfriamento em alguns leigos, grupos ou comunidades. Tal acontecimento poderia causar uma redução no crescimento evangélico, comunitário e pastoral, ou provocar de alguma forma uma descentralização na instituição Igreja.

Investir na formação dos leigos e na edificação das comunidades, sobretudo, aquelas de espiritualidade CEBs, é mais do que uma necessidade, é “tarefa primordial”. Sem uma formação permanente e qualificada do sujeito eclesial, o cristão leigo corre o risco de estagnar-se ou desencantasse em sua caminhada de fé. O trabalho missionário e evangélico do cristão, pautado segundo as diretrizes da Igreja, consiste em não

⁹⁵ LG 31

⁹⁶ Doc. 105 n. 15

possibilitar margem alguma para um possível esvaziamento humano e espiritual que possa abalar ou afetar a estrutura da Igreja povo de Deus (226).

Os documentos do Concílio Vaticano II, impulsionam os leigos a criarem uma nova cultura de vida, superar todo e qualquer sentimento negativo, revestir-se do novo e deixar-se fermentar de amor, de esperança e de caridade⁹⁷.

Na eclesiologia da *Lumen Gentium* e do *Apostolicam Actuositatem*, há um aprofundamento da teologia do laicato. Estes documentos buscam reconhecer a importância do leigo no corpo eclesial, agregando sua presença na realidade temporal como lugar de sua vocação. Daí parte o grande desafio de tornar possível a comunhão no campo das diversidades.

Neste contexto, tanto o clero quanto os leigos são incorporados ao espírito de comunhão e participação para um trabalho ativo nas decisões da Igreja, principalmente na evangelização e participação dos ministérios. Para tal, é preciso uma fundamentação do compromisso missionário e da vida, na rocha da Palavra de Deus e na prática da oração.

O modelo eclesiológico apresentado pelo Vaticano II vem possibilitar uma nova característica na relação entre a hierarquia e o laicato, fortalecendo e encorajando os cristãos leigos a avançar confiantemente para os problemas do mundo, a fim de promover dimensões humanas que favoreçam a comunhão fraterna e a organização da sociedade.

Ao contemplar os leigos na diversidade de rostos carismas e ministérios, abordamos uma leitura do que há de mais instigante e necessário para a valorização e promoção do laicato dentro do conceito Igreja “Povo de Deus”.

Com base no documento de Aparecida, que descreve: “os rostos sofredores que doem em nós”, voltemos os nossos corações para tantas formas de pobreza e fragilidades a espera da ousadia, e da teimosia de homens e mulheres, que em nome da fé, apostam na preservação da vida e na transformação da humanidade⁹⁸.

⁹⁷ Doc 105 17

⁹⁸ Doc 105 n.181

Sendo a Igreja dilatadora do Reino de Jesus Cristo, e todo seu apostolado entregue aos Leigos na grande diversidade de dons, que estes queiram, saibam e possam exercer com perseverança, coragem e zelo a missão que lhes for confiada, ou não estarão cooperando com a estrutura do corpo vivo (que é a própria Igreja), nem aproveitando das promessas deste Reino das quais é a Igreja depositária.

“Não deixemos que nos roubem a esperança! Não deixemos que nos roubem o Evangelho! Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno⁹⁹!”.

⁹⁹ Doc 105 n. 177 p. 113

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis – São Paulo: Vozes – Loyola, 1993.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. (Documento, 105 – CNBB) . Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade. São Paulo: Paulinas, 2016.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituições e decretos. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO, PAPA. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 2.ed. São Paulo: Loyola – Paulus, 2013.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 8.ed. São Paulo: Paulinas, Paulus, CNBB. 2008.

ALMEIDA, J.C. (Org.), MANZINE, R (Org.), MAÇANEIRO, M. (Org.) As Janelas do Vaticano – A Igreja em diálogo com o mundo. São Paulo: Editora Santuário, 2013.

BINGEMER, Maria Clara. Ser Cristão Hoje. São Paulo: Editora Ave Maria, 2013.

COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA. Pontifício Conselho “Justiça e Paz”.7.ed. São Paulo: Paulinas, 2005.